

Revista
Letras

Revista Letras

Nº 98 - Jul./Dez. 2018

Publicação semestral do Curso de Letras da UFPR

<https://revistas.ufpr.br/letras>

A Revista Letras está indexada nos seguintes índices bibliográficos: 1. *Internationale Bibliographie der Rezensionen Wissenschaftlicher Literatur/International Bibliography of Book Reviews of Scholarly Literature*; 2. *Linguistics and Language Behavior Abstracts*; 3. *MLA – International Bibliography of Books and Articles on Modern Languages and Literatures*; 4. *Social Planning, Policy and Development Abstracts*; 5. *Sociological Abstracts*; 6. *Ulrich's International Periodicals Directory*; 7. *CLASE – Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades*.

Editor: Alexandre Nodari

Editora da Seção de Estudos Linguísticos: Patrícia de Araujo Rodrigues

Editor da Seção de Estudos Literários: Alexandre Nodari

Diagramação: Patricia Mabel Kelly Ramos

Projeto Gráfico: Yuri Kulisky

Revisão de Textos: Iamni Reche Bezerra

Organizadores do n. 98

As muitas coisas de Clarice Lispector

Alexandre Nodari (UFPR) e João Camillo Penna (UFRJ).

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP), Beatriz Gabbiani (Universidad de la República do Uruguai), Carlos Alberto Faraco (UFPR), Carlos Costa Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Elena Godoi (UFPR), Filomena Yoshie Hirata (USP), Gilda Santos (UFRJ), José Borges Neto (UFPR), Júlio Cesar Valladão Diniz (PUC-RJ), Lígia Negri (UFPR), Lúcia Sá (Manchester University), Lucia Sgobaro Zanette (UFPR), Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC), Marília dos Santos Lima (UNISINOS), Mauri Furlan (UFSC), Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR), Raquel Salek Fiad (UNICAMP), Rodolfo A. Franconi (Dartmouth College), Rodolfo Ilari (UNICAMP)

Conselho Consultivo

Adalberto Müller (UFF), Álvaro Faleiros (USP), Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (UNESP-Araraquara), Fernando Cabral Martins (Universidade Nova de Lisboa), Helena Martins (PUC-Rio), Irene Aron (USP), Isabella Tardin Cardoso (UNICAMP), Juliana Perez (USP), Luciana Villas Boas (UFRJ), Márcia Martins (PUC-Rio), Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Matthew Leigh (University of Oxford), Patrick Farrell (University of California/Davis)

Consultores *ad hoc*

Fabio Roberto Lucas, Flávia Cera, Guilherme Gontijo Flores, Jorge Wolff, Juliana Fausto,
Lígia Diniz, Luciana di Leone, Lucius Provase, Roberto Zular, Tiago Guilherme Pinheiro,
Veronica Stigger

SUMÁRIO

- 4 APRESENTAÇÃO
Alexandre Nodari e João Camillo Penna
- 9 ROSA E CLARICE, A FERA E O FORA
Eduardo Viveiros de Castro
- 31 DAS DING
João Camillo Penna
- 56 A ECOPOÉTICA DE G.H.
Marília Librandi
- 83 O INDIZÍVEL MANIFESTO: SOBRE A INAPREENSIBILIDADE DA COISA NA “DURA ESCRITURA” DE CLARICE LISPECTOR
Alexandre Nodari
- 114 A HORA DA ESTRELA – HISTÓRIA DE AFLIÇÃO E AFLIÇÃO DAS FORMAS
Flavia Trocoli
- 127 EM TORNO DA COISA E DA LETRA: CLARICE COM HEIDEGGER E LACAN
Alex Keine de Almeida Sebastião
- 142 “O BEIJO NO ROSTO MORTO”: A IMINÊNCIA DA MORTE E OS SENTIDOS DO EU EM UM SOPRO DE VIDA
Luciana Namorato
- 157 CLARICE-ENTRE-SI: A DIVISÃO DO SUJEITO NA CRIAÇÃO POÉTICA
Leticia Pilger da Silva
- 180 CLARICE LISPECTOR AOS OLHOS DA ANTROPONOMÁSTICA: O ANTROPÔNIMO FICCIONAL COMO ARTIFÍCIO DA (DES)PERSONALIZAÇÃO
Amanda Kristensen de Camargo e Márcia Sipavicius Seide
- 199 A REPETIÇÃO COMO DISPOSITIVO ESTÉTICO A SERVIÇO DO TEXTO CLARICEANO
Daniele Fernanda Eckstein
- 211 A ANTILITERATURA DA COISA: VIDÊNCIA E SENSAÇÃO EM CLARICE LISPECTOR
Pamela Zacharias
- 228 EL ANIMAL ESTALLA. POLÍTICAS DE LO VIVIENTE EN LA NARRATIVA DE CLARICE LISPECTOR
José Gaston Platzeck
- 242 METAFÍSICA E METAMORFOSE N’A PAIXÃO SEGUNDO G.H.
Mateus Toledo Gonçalves
- 260 A PAIXÃO SEGUNDO G.H. – UMA FORMA DE TECER O IMPOSSÍVEL
Fernanda Marra
- 282 DIAGRAMAS PARA UMA TRILOGIA DE CLARICE.
José Miguel Wisnik

Apresentação

“A coisa que está ali” era a derradeira impossibilidade.

Clarice Lispector. A cidade sitiada.

4

Em um dado momento de *Um sopro de vida (Pulsações)*, o Autor diz o seguinte sobre Ângela Pralini, o personagem que ele teve a necessidade de criar: “Ângela se apaixonou pela visão das ‘coisas’. As ‘coisas’ são para ela uma experiência quase sem a atmosfera de algum pensamento ou máxima constante. No entanto, quando observa as coisas, age com um liame que a une a elas. Ela não é isenta. Ela humaniza as coisas. Não é, pois, autêntica no seu propósito”. O trecho destaca a *polêmica* entre o Autor e sua “coisa”, a personagem, em torno precisamente da “coisa”, sinalizando os muitos modos de abordá-la, ou melhor, de sê-la, e a discordância entre os dois (o Autor e Ângela) como traço essencial da possibilidade impossível de dizê-la. As coisas (no plural) podem então ser ditas de modo isento, com ou sem pensamento, humanizadas... Elas se confundem ou não com o liame que as une ao sujeito? Qual seria o modo autêntico de dizê-las/sê-las, ou todos os modos são diferentemente inautênticos?

Bichos, jardins, máquinas, palavras: a literatura de Clarice Lispector é povoada das mais diversas coisas, e coisas das mais peculiares, pois que, o tempo todo, olham de volta quem as olha, invertendo a relação sujeito-objeto e questionando, assim, os lugares do mundo, os laços sociais e naturais, os laços de família, i.e., os laços *familiares*, de familiarização. Nesse sentido, a famosa demanda da personagem de Guimarães Rosa, de perscrutar o “quem das coisas”, parece ser também a busca mais radical da poética interrogativa de Clarice Lispector: não “o

que é o mundo?”, mas “quem são o mundo?”, “quem são as coisas que são o mundo?” A “coisa” de/para Clarice parece designar, portanto, não o inominável, mas a conversão do nomear em perguntar, uma devassa infinita daquilo que se esconde por trás do nome e da afirmação, da entrelinha que toda linha comporta: “Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? e este é o nome”. E nessa investigação que caracteriza sua literatura, é como se tudo tendesse a se tornar “coisa”, um daqueles significantes excedentes de que falava Lévi-Strauss: pois que talvez o que lhe interesse, acima de tudo, seja fazer-ver (numa poética do olhar) em tudo esse excesso de significação, esse excesso à nomeação, que é a condição de toda literatura, possivelmente a coisa das coisas para ela.

O número temático da *Revista Letras* se propõe a refletir sobre essas muitas coisas de Clarice – animais, espaços, dispositivos, linguagem, laços sociais –, sobre o estatuto que elas têm na sua literatura, sobre os muitos modos em que se dizem nela. O número se abre com “Rosa e Clarice, a fera e o fora”, de Eduardo Viveiros de Castro, versão modificada de uma palestra proferida algumas vezes no começo dessa década. Viveiros de Castro procura pensar conjuntamente duas antropofagias: a de G.H., em *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector; e a de Iauaretê, o onceiro que vira onça, em “Meu tio Iauaretê” de João Guimarães Rosa. O pensamento comum a essas duas antropofagias passa pelo trocadilho-conceito da *diferOnça*, cunhado a partir da *différance* de Derrida, que coloca Clarice e Rosa na continuidade dos maiores *pensadores* brasileiros do século XX, que pensam com e a partir da língua portuguesa escrita no Brasil. Nos dois textos se conjugam um devir inumano e uma antropofagia: “Meu tio Iauaretê” relata o devir-onça do onceiro, que come ou não o interlocutor homem branco com o qual nos identificamos, enquanto que *A paixão segundo G.H.* relata o devir-barata de G.H., e um “comer o imundo”, no qual a barata é uma G.H. transformada que se autodevora.

“*Das Ding*” de João Camillo Penna trata da ontologia da *coisa* clariciana, em especial no que toca a onipresença dos animais em sua obra, concentrando-se sobretudo no conto “Uma galinha”, a partir de certos elementos da ontologia heideggeriana. “Uma galinha” narra as sucessivas apropriações ou humanizações da galinha como prato do almoço ritual de domingo da família de classe média urbana brasileira, demonstrando que o caráter de coisa sobrevive a todas essas rasuras do ser da galinha, ser este que o conto visa a resgatar restituindo-lhe a sua dignidade, conforme contido na máxima: “a galinha é um ser”.

Marília Librandi em “A eco poética de G.H.”, tradução de um capítulo de *Writing by Ear: Clarice Lispector and the Aural Novel* (University of Toronto Press, 2018), busca enfatizar a importância do eco para pensar o jogo entre som e silêncio nas obras clariceanas, em especial, *A paixão segundo G.H.*, e a transformação pela qual passa a protagonista, destituída de toda linguagem, mas não dá reverberação. Para tanto, mobiliza o mito de Eco, tal como aparece nas *Metamorfoses* de Ovídio, e uma série de reflexões teóricas recentes que se propõem a refletir sobre a anterioridade (ontológica) da escuta sobre a fala.

Em “O indizível manifesto: sobre a inapreensibilidade da coisa na ‘dura escritura’ de Clarice Lispector”, Alexandre Nodari retoma o mote que atravessa a escrita clariciana como um todo de uma experiência que transcende a linguagem, que é aquém ou além da palavra, para demonstrar que essa impossibilidade de designação, esse “inapreensível”, se dá necessariamente na e pela linguagem. As múltiplas análises passando por uma parte significativa de textos de Clarice se concentra no motivo da *coisa* (ou da “coisa em si”, dirá ela kantianamente), e uma metafísica do tocar. O que se demonstra em cotejo com trechos de Clarice é que o que visa ela é não propriamente a coisa, mas o intervalo que a separa do sujeito, e que de alguma maneira esse intervalo, ou aura da coisa, tem a ver com a própria linguagem. A coisa seria então precisamente esse híbrido paradoxal, ao mesmo tempo material e imaterial, dentro e fora, matéria e vibração, ser e não ser.

Em “*A hora da estrela* – história de aflição e aflição das formas”, Flavia Trocoli começa por expor a narrativa de Clarice ao teste do tempo, mostrando não tanto a atualíssima inatualidade de Macabéa, quanto a continuidade entre o narrador Rodrigo S.M. e uma certa desfaçatez da sociedade brasileira, bastante pródiga nesse quesito. O artigo estabelece contrapontos entre o último livro publicado em vida por Clarice, a leitura lacaniana de *Lol V. Stein* de Marguerite Duras, e passagens de Virginia Woolf, para tratar do ser impossível que é Macabéa. Ela encontra o motivo na resposta de Macabéa em diálogo com Olímpico: “É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para ser possível?” que designa o ser (im) possível de Macabéa, que se recusa a se submeter à predicação de Olímpico. A diferença sexual se explicita em campo de batalha no romance que “aflige” a forma romanesca, como encenação do negativo, ao partir do vazio deixado pela narração masculina de Rodrigo S.M., tomado insubmissamente por Macabéa como “fazer” feminino que discorda e assim é.

Alex Keine Sebastião, em “Em torno da coisa e da letra: Clarice com Heidegger e Lacan”, formula a hipótese de que a noção de *coisa*, solicitada pela filosofia e pela psicanálise, mas objeto central da escrita clariciana, desmobiliza a divisão sujeito/objeto ao propor um objeto desde sempre impregnado pelo sujeito, sujeito que por sua vez, como a linguagem, é coisa. A aproximação com a letra lacaniana para falar sobre o que escapa ao sentido, mas está na língua, permite um novo olhar sobre o problema da linguagem na obra de Clarice. O artigo tem uma estrutura tripartite, alinhando três grandes “teorias” da coisa: Martin Heidegger, Clarice Lispector, Jacques Lacan, dando a Clarice a função de ponte ou contraponto entre os outros dois.

Luciana Namorato, em “O beijo no rosto morto: A iminência da morte e os sentidos do eu em *Um sopro de vida*”, apresenta uma reflexão pungente sobre a *coisa* clariceana por excelência: a morte. O artigo foca em *Um sopro de vida*, mas expande a visada proposta para toda a obra de Clarice, especialmente o conto “Encarnação involuntária”, lançando mão também de opiniões da própria Clarice sobre a morte em entrevistas e depoimentos, assim como de certas passagens de *A hora da estrela*. O artigo associa, numa aproximação que não necessariamente é

coincidência, o tema da morte à (forma) da dessubjetivação, as oscilações do eu/não-eu na obra de Clarice, mostrando como estão ambas estreitamente ligadas.

Em “Clarice-entre-si: a divisão do sujeito na criação poética”, Letícia Pilger da Silva parte de uma discordância com Benedito Nunes sobre o caráter heteronímico (pessoano) ou pseudonímico (“quadrático”) do “outramento” clariciano para chegar a uma questão mais profunda da “autora”/obra sobre a “desautoria”. O artigo versa especificamente sobre *Um sopro de vida (pulsações)*, o livro deixado inacabado por Clarice, publicado e na verdade concluído postumamente por Olga Borelli, mas toca num procedimento geral de sua escrita: a produção de pessoas/sujeitos outros, no interior do que convencionalmente chamaríamos de ficção. O processo de construção da obra a partir de fragmentos levado a cabo pela amiga de Clarice sugere uma pergunta mais ampla que atinge a obra como um todo sobre o grau de controle do “autor” sobre o seu texto, insistentemente vazado por uma alteridade que o assombra e que adquire ao longo dos anos muitos nomes, o derradeiro sendo a morte.

Amanda Kristensen de Camargo e Márcia Sipavicius Seide, em “Clarice Lispector aos olhos da antroponomástica: o antropônimo ficcional como artifício da (des)personalização”, abordam uma questão crucial da literatura de Clarice: a nomeação, em especial, de personagens. Investigando como opera esse procedimento em dois livros “infantis” de Clarice, *A mulher que matou os peixes* e *Quase de verdade*, bem como em *A hora da estrela* e *A paixão segundo G.H.*, as autoras demonstram como ele se articula não só com a matéria das ficções, mas também com a própria concepção de linguagem delas e de Clarice.

“A repetição como dispositivo estético a serviço do texto clariceano”, de Daniele Fernanda Eckstein, trata das diversas facetas da repetição, recurso comum na obra de Clarice, em uma leitura de “A quinta história”, trazendo uma vasta gama de referências teóricas para discutir a questão. O objetivo é demonstrar como tal dispositivo produz um espaço-tempo em que os polos opostos se anulam, espiralando a escrita.

Pamela Zacharias, em “A antiliteratura da coisa: vidência e sensação em Clarice Lispector”, apresenta uma leitura de dois textos de Clarice, “Perdoando Deus” e “O Relatório da coisa”, atentando para as epifanias sensoriais da *coisa*, tomando como base os escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari. O artigo mostra a maneira pela qual Clarice converte esses momentos de “vidência”, intrinsecamente não comunicáveis em texto escrito, por meio de subversões sintáticas e semânticas. Visa, assim, uma solução não aporética (como é praxe em grande parte da fortuna crítica clariceana) para a busca da coisa em si na escrita de Clarice, mostrando a relação entre o que é dito e o não-dito, e analisando o encontro entre a coisa e a Coisa.

Em “El animal estalla. Políticas de lo viviente en la narrativa de Clarice Lispector”, José Gaston Platzeck propõe uma nova leitura dos animais na obra clariciana, a partir de seu cruzamento com as reflexões recentes sobre biopolítica. Central no artigo é a questão ontológica da precariedade, tanto de animais humanos

quanto de animais não-humanos, e o jogo de reconhecimento e estranhamento que coloca que a coloca no centro da cena.

“Metafísica e metamorfose *n’A paixão segundo G.H.*”, de Mateus Toledo Gonçalves, trata da questão da *coisa em si* no romance de Clarice. O artigo mobiliza as duas noções de metafísica e de metamorfose para circunscrever um paradoxo central da obra clariciana que concerne precisamente à sua noção de coisa. Para ela se trata de, contra o senso comum, recusar que a coisa seja substituída pela palavra, mas fazer isso, paradoxalmente, pela própria palavra. A metafísica clariciana derivaria da região delimitada pelo gesto transcendental kantiano, que coloca fora dos limites da representação humana a coisa em si, o próprio inacessível que Clarice acessa em seus textos, enquanto inacessível. Já a metamorfose sinaliza a diferença para com o programa de transformação corporal de Kafka, como identificação com a barata e transformação da percepção da mulher que adquire uma espécie de hipervisão-barata.

Fernanda Ribeiro Marra, em “*A paixão segundo G.H. – uma forma de tecer o impossível*” retoma a relação entre experiência e forma, corpo e linguagem, no romance de Clarice. Recorrendo à filosofia francesa, trata-se aqui de apontar no texto de que forma ele se configura como corpo informe e descontínuo.

Por fim, os “Diagramas para uma trilogia de Clarice”, de José Miguel Wisnik, apresentam o esboço (ou índice, no sentido peirceano) diagramático de uma reflexão que o autor vem fazendo sobre o que considera uma trilogia, composta por *Laços de família*, *A paixão segundo G.H.* e *A legião estrangeira*.